Se conseguires ler isto, é óbvio que entendes pombonês. Podes continuar a ler o meu livro.

Assinado: David Pombo

Se és um gato e aprendeste pombonês (Ah! Ah! Ah! Como se um gato fosse suficientemente inteligente para aprender pombonês...)

Ah, espera.

Se és um gato e consegues ler este livro, significa que raptaste um pombo para o enganar e levá-lo a traduzir as palavras de pombonês para «miau». Exijo que libertes imediatamente o pombo refém. Este livro contém ideias ULTRASSECRETAS que não dizem respeito a nenhum gato...

Juramento de David Pombo a todos os pombos





Será que vais mencionar o...

Não me interrompas, Capitão. Derrotei a Gata Malvada. É tudo o que as pessoas precisam de saber.



O David está chateado. Ele costuma eriçar as penas quando está chateado.

Que estava a dizer mesmo?

Que esperavas que a tua história pudesse ajudar os outros pombos.

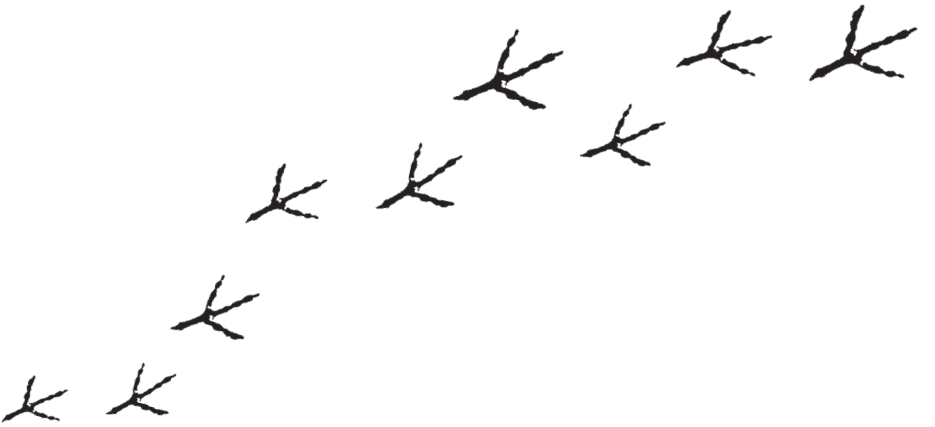
Isso mesmo. E vai. É por isso que tens de anotar tudo, Capitão. A começar pelo início.



O Início

Há milhares de milhões de anos, antes de os pombos existirem, o Universo era apenas...





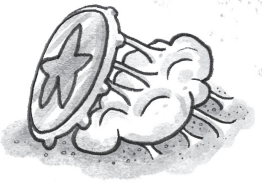
1

Portanto, o Início *desta* História

O David e eu estávamos envolvidos numa missão de assalto a *croissants*. Era algo que já tínhamos feito pelo menos umas cem vezes.

Na verdade, quando eu conheci o David foi precisamente numa destas missões de assalto a *croissants*. Nessa altura, o David tinha-me contado que havia acabado de ganhar uma Medalha de Bravura, que ele





trazia sempre pendurada ao peito. (Ainda que, mais tarde, eu tenha ouvido um certo rumor de que aquilo se tratava apenas de uma carica que tinha ficado agarrada a ele por ação de uma pastilha já mastigada quando, por mero acidente, se enfiou num caixote do lixo.)

O David andava a investigar um dos lados do lago quando ambos detetámos um *croissant* comido apenas pela metade, abandonado debaixo de um banco. Mergulhámos em voo picado, colidindo em direção à mesma abertura entre duas tábuas do banco de madeira, e aterrámos exatamente ao mesmo tempo.

E ali ficámos, pendurados de cabeça para baixo, presos ao banco, quando um ganso enorme apareceu e levou o nosso *croissant* com ele. Um ganso! Como é possível? Pelo amor de Nossa Senhora das Aves...


Nunca recuperámos aquele croissant, pois não?
David!
Que foi?
Queres que conte esta história ou não?
Desculpa, Capitão. Anda lá com isso.

O que eu ia dizer era que... nunca recuperámos o nosso *croissant*. Ainda apanhámos o ganso com facilidade, mas deixem-me contar-vos uma coisa a respeito dos gansos. Eles são muito maiores ao perto do que vistos à distância. E são muito bicudos. Tivemos sorte por ter deixado aquela luta com todas as nossas penas.

O David e eu ficámos amigos desde então.

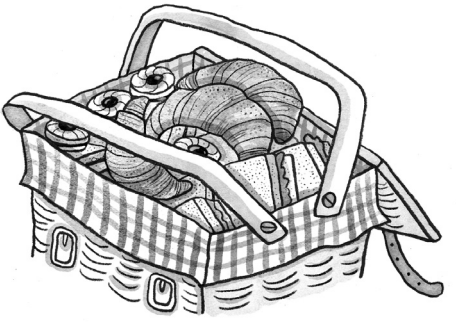


Onde é que eu ia? Ah, sim. O dia em que conhecemos a Gata Malvada. Era a nossa centésima missão de assalto a *croissants*.

Estava uma manhã bonita, soalheira, e eu e o David estávamos esfomeados. Esfomeados ao ponto de começar a dar bicadas nas próprias penas. Tudo o que tínhamos comido ao pequeno-almoço tinham sido umas migalhas ensopadas que um Humano Pequeno já tinha mastigado e cuspido, e um bocadinho, mesmo muito pequeno, de um bolo com cobertura que lá arranjámos maneira de roubar a um pato.

Foi nessa altura que eu topei a Senhora Humana. Mal podíamos acreditar na nossa sorte. Toda a gente sabe que as Senhoras Humanas costumam trazer muitas migalhas com elas. O David diz que é justamente para isso que elas têm malas de mão. O David e eu aproximámo-nos dela, tentando parecer amigáveis e esfomeados.





Tal como esperado, a Senhora Humana abriu a tampa do seu cesto de piquenique. Lá dentro, havia muito mais do que apenas pão! Havia um festim de *croissants*, sanduíches e bolachas. E daquelas com recheio. As minhas preferidas.

— Segue-me — disse eu, aproximando-me aos poucos.

A Senhora Humana detetou-nos.

— Bom dia.

Nós não respondemos, porque não falamos humanês.

— Querem um bocadinho de *croissant*? — perguntou ela.

Claro que queríamos.

Ele leu os nossos pensamentos e atirou na nossa direção um pedacinho de massa dourada e folhada.

As migalhas doces caíram às nossas patas e devorámos o máximo que conseguimos, enchendo as nossas barriguinhas famintas. Aproximámo-nos ainda mais do cesto, na esperança de levar mais um ou dois bolinhos para mais tarde.

— Devem estar com fome — disse a Senhora Humana, lançando-nos pedacinhos de pão.

